

4. Conclusões

Intentamos com nossa pesquisa sobre o **não-** anteposto a nomes verificar os aspectos lexicais e semânticos envolvidos no processo. Objetivamos entender se as ocorrências constituíam novos itens lexicais e, em caso positivo, era preciso saber também se as formas eram melhores enquadradas como composicionais ou prefixais.

Constatamos a carência de estudos e literatura sobre o assunto, conforme mencionamos no capítulo referente a este aspecto. Notamos que em alguns estudos lingüísticos mais recentes, as descrições são confusas e vagas, característica que se repete nas abordagens gramaticais. Entre os que se debruçaram de forma mais profunda sobre o tema, encontramos por vezes fatos concordantes com nossos resultados e em outros momentos, respostas que destoavam das nossas. Assumimos, naturalmente que todos os que se dispuseram a estudar o **não-** anteriormente contribuíram para a discussão, porém é de se notar que o tema é preocupação relativamente recente nos estudos lingüísticos. Da mesma forma, ressaltamos que nossa análise não pretende ter um caráter definitivo ou pretensão de deliberar sobre todas as questões pertinentes à matéria. Nosso desejo é de que as conclusões aqui apontadas possam ser igualmente úteis aos debates cada vez mais profusos sobre o objeto pesquisado.

Para alcançar nosso intento, utilizamos dois *corpora* representativos, sendo um deles constituído por textos de língua oral e o outro de língua escrita. Utilizamos recursos tecnológicos que nos auxiliaram e tornaram a análise dos dados mais precisa e menos exposta às falhas. A lingüística de corpus, ainda pouco conhecida por alguns pesquisadores da área, é uma abordagem metodológica que se caracteriza pela ênfase às novas tecnologias. Das aplicações dinâmicas que as mesmas podem oferecer sobre os estudos lingüísticos, nascem novos *corpora* eletrônicos e fizemos uso de dois *corpora* que seguiam estes moldes. A lingüística de corpus revelou-se, assim, uma disciplina bastante profícua e de grande auxílio para nosso trabalho. Logo notamos que o *corpus* oral trazia poucas ocorrências e todas em contexto acadêmico, ficando demonstrado com isso que o **não-** é bastante vinculado à escrita e à linguagem mais formal.

A análise dos dados escritos revelou algumas surpresas como a percepção de aspectos estilísticos do elemento, ainda pouco abordados até o momento. Procuramos demonstrar em linhas gerais estes aspectos, embora admitamos que essas particularidades

não foram detalhadamente desenvolvidas, bem como outros possíveis tópicos referentes ao tema que não puderam ser tratados. Mencionamos, nesse caso, a questão da hifenização nas ocorrências **não-x**. Assumimos a importância desse tema, no entanto a problemática referente ao uso deste diacrítico não foi abordada por uma questão técnica, uma vez que pelos mecanismos de busca utilizados no mapeamento de nosso *corpus*, a leitura dos itens não hifenizados demandaria um trabalho mais braçal e menos automatizado. A listagem de todos os itens precedidos por **não** sem hífen apresenta também o **não** atuando como advérbio, sendo impossível a discriminação dos elementos. Optamos, por este motivo, pela análise exclusiva dos itens hifenizados.

O problema encerrado pelo hífen, em alguns momentos substituído pela junção dos dois termos, dá margem para um questionamento importante: como escrever essas formações, na medida em que não há ainda uma concordância quanto ao assunto? A pergunta segue sem resposta. Não nos posicionamos a esse respeito, todavia julgamos válido apontar que dentre os autores pesquisados, apenas um publicou suas reflexões sobre esse fato: “(...) as novas palavras ficam melhor com hífen. Alguns gramáticos mais antigos negavam-se a usá-lo, mas a prática já o consagrou, especialmente porque ele serve para assinalar que o não, aqui, não é um advérbio de negação, mas sim um elemento da composição do vocábulo”. (MORENO, sítio virtual).³¹

Outras questões levantadas não foram tratadas devido à brevidade do estudo. Uma delas é o caráter possivelmente lógico e filosófico envolvendo o **não-**. Citamos a Irmã Miriam Joseph, autora de um dos mais famosos tratados sobre o ensino da lógica e da retórica, menciona este uso do **não-** quando fala da obversão como recurso lógico de tornar explícito o que está implícito em uma proposição. A obversão de uma proposição consiste na transformação da sua forma, de afirmativa para negativa, ou vice-versa, convertendo o predicado em um conceito contraditório ao originário. Assim, irmã Miriam cita os exemplos:

- a) Todo eleitos é cidadão, logo, nenhum eleitor é não-cidadão; b) Nenhum muçulmano é cristão, logo, todos os muçulmanos são não-cristãos; c) Algumas cadeiras são confortáveis, logo, algumas cadeiras são desconfortáveis; d) Alguns alunos não são atenciosos, logo, alguns alunos são desatenciosos. (JOSEPH, 2008: 150)

³¹ Em: <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/10/01/o-nao-como-prefixo/>. Acesso: 20 de novembro de 2009, 14h08min:26seg.

Embora os exemplos tenham sido traduzidos do inglês, a sua regra básica guarda os princípios universais matemáticos: “se S está incluído em P, está certamente excluído de não-P” (JOSEPH, *idem*). Esta conclusão está certamente atrelada aos estudos semânticos feitos pela lógica que se indiciam pelo princípio da não-contradição formulado por Aristóteles, segundo o qual uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Fica claro, assim, que o aspecto lógico e filosófico do **não-** é ponto que enseja estudos distintos de nossas propostas.

Há outro tópico relevante quanto ao **não-** ainda não mencionado, e aproveitamos estas páginas finais para fazê-lo. Trata-se da gramaticalização do elemento, aspecto duramente tratado por Campos (2001). A gramaticalização ocorre quando um item lexical assume uma diferente faceta como item gramatical, mudando de categoria. Assim, o **não-** mudaria da categoria advérbio para a categoria prefixo. A gramaticalização é acompanhada muitas vezes por alterações semânticas e fonológicas, deixando de ser uma forma livre e podendo mesmo desaparecer em alguns casos. Não duvidamos em nenhum momento que o **não-** esteja se comportando de forma distinta à adverbial. Defendemos a lexicalização do **não** em alguns dos casos abordados, porém, não era nosso alvo investigar o léxico exclusivamente à luz das reflexões propostas pelas teorias que versam sobre a gramaticalização.

Tínhamos como principal objetivo compreender quando **não-x** poderia ser classificado como novo item léxico, se isso ocorria em todos os casos analisados e qual a natureza desse processo, bem como suas explicações semânticas. Testamos, para tal, todas as hipóteses até então construídas sobre o tema. Não descartamos a idéia de que **não-x** possuía natureza composicional, porém defendemos a prefixação como uma categoria mais provável, dadas as suas características. Verificamos ainda em nossa pesquisa, que nem todos os casos **não-x** constituem novo vocábulo, na medida em que o aspecto sintático do **não-** é saliente no que tange aos participípios e nos casos de nomes deverbais. A análise de Duarte se mostrou, portanto, apropriada na medida em que exclui os casos em que **não-** aparece anteposto a participípios em orações desenvolvidas ou reduzidas em que ocorre o apagamento do verbo de cópula (DUARTE, 1999-A: 69). Comprovamos que a criação lexical ocorre quando **não-** é formador de classificações binárias, de palavras de cunho estilístico e nos casos em que antecede elemento humano. Verificamos, portanto, a validade da proposição de Basílio quanto à classificação do **não-** em adjetivações binárias para a formação de novas unidades lexicais, bem como os casos em que o **não-** representa uma alteração semântica quando diante de referente

humano ou de formais, em oposição aos casos em que aparece diante de formas verbais nominalizadas. Concluímos, então, que o referido elemento é bastante produtivo e que atua em certas circunstâncias como prefixo do português, o que não ocorre de forma indiscriminada, mas somente nos casos previstos.

Dentre aqueles que defendiam o **não-** como sendo um caso típico de prefixação, encontramos autores que lhe creditavam diversos possíveis significados. Não concordamos com a polissemia nos casos em que **não-** atua como prefixo. Nesses casos, há o sentido de oposição quando formação binária ou humana e nos casos estilísticos, as possibilidades se ampliam, podendo significar o mesmo que contra-, anti- ou pseudo. Mostramos que a compreensão do significado por vezes está mais atrelado à compreensão sintática da expressão, fato que ocorre quando o elemento subsequente à partícula estudada é uma forma adjetiva.

Quanto à idéia de que o **não-** pode estar substituindo analogicamente os demais prefixos de negação que por sua vez estariam entrando em desuso, mencionamos a questão produtividade-listagem pela ação do bloqueio, já que a existência prévia de uma forma efetuando determinada função exerce a ação de bloqueio com relação à criação de nova forma que tenha o mesmo objetivo. A escolha pelo **não-** revela a necessidade de expressão distinta às demais formas tradicionais. O **não-**, portanto, é elemento de difusão recente no idioma, porém dotado de subjetividades relevantes em suas ocorrências tanto nos aspectos estruturais como nos significados que carrega.